

A PARTILHA DO SENSÍVEL: UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA*

Cléria Botelho da Costa**

Resumo: pretendo, neste texto, estabelecer um diálogo entre literatura e história a partir da obra do escritor moçambicano, Mia Couto – Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Obra escrita em 2002 retrata o universo moçambicano marcado pela guerra civil e pela busca da identidade étnica, linguística e cultural do país. O escritor tece uma história humana, trançada pelos fios da sensibilidade. Busco compreender aquele diálogo a partir da percepção das sensibilidades despontadas pelas duas disciplinas.

Palavras-chave: Literatura. História. Mia Couto.

THE DISTRIBUTION OF THE SENSIBLE:
A DIALOGUE BETWEEN HISTORY AND LITERATURE

Abstract: *I intend, in this text, to make a dialog between literature and history from the novel. A river called time, a house called land of the writer Mia Couto from Moçambique. The novel was written in 2002 and it shows the universe of Moçambique marked by the civil war and by the search of the ethnic and cultural identity. The writer weaves a human history, whose threads are waved by the sensibility. I seek to understand that dialog from the sensibilities woven by History and by Literature.*

Keywords: *History. Literature. Mia Couto.*

*A divisão de minha pertença a Moçambique
Vai mais fundo do que o cultural. É quase uma
condenação. Como as baleias. Por mais que
venham a superfície das águas, respirar e olhar
o céu e a terra com saudade, pertencem ao mar
e é lá que têm que viver.*

(Mia Couto)



Preto, neste texto, estabelecer um diálogo entre literatura e história a partir da obra do escritor moçambicano, Mia Couto – Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Obra escrita em 2002 retrata o universo moçambicano marcado pela guerra civil e pela busca da identidade étnica, linguística e cultural do país. O escritor tece uma história humana, trançada pelos fios da sensibilidade. Busco compreender aquele diálogo a partir da percepção das sensibilidades despontadas pelas duas disciplinas.

Não foi Clio quem fez despontar a criatividade e a sensibilidade de Mia Couto. Antecipou-lhe a literatura segredando-lhe que sua imaginação e habilidade seriam capazes de captar os ecos de uma cultura riquíssima e complexa como a africana. A inspiração o surpreendeu nas angustias de sua vivência cotidiana em uma Moçambique colonial cuja cultura fora estilhaçada pelos canhões dos colonizadores que, ali, permaneceram por muitos anos. A sua prosa opera com temas sociais da pré e pós independência. Em muitos de seus textos, o velho e o novo interagem, tentando reatualizar as raízes moçambicanas esgarçadas pelo longo tempo de violência colonial.

A formação literária de Mia Couto forjara-se, sem dúvida, pela influência de seu pai que também escrevia poesias e o educara tendo o sentir como filosofia de vida, na pequena cidade de Beira. Foi ali, que Couto se tornara escritor enveredando por um caminho pouco trilhado em Moçambique. De alma e coração palmilha pelo paradigma da modernidade nas clareiras abertas por Juan Ramón Jiménez, Sofia Breyner e dos brasileiros João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Expressa o escritor que esses autores lhes trouxeram a confirmação de que “a poesia não era só uma coisa bonita, era uma coisa profundamente verdadeira e, que era bonita porque era verdadeira. E era verdadeira porque criava esse sentimento de verdade e porque não existia só em abstrato” (2008, p. 2).

E no desfilhar da mesma entrevista, ele realça que “a escrita literária tem uma função na criação daquilo que são os mitos fundadores de uma nação, o chamado sentimento nacional (...) eu não imagino que o sentimento de ser-se português, por exemplo, fosse a mesma coisa se não houvesse Luis de Camões. E continua, avivando o seu entendimento sobre a função da literatura –

A escrita literária tem uma função na criação daquilo que são os mitos fundadores de uma nação, o chamado sentimento nacional (...) eu não imagino que o sentimento de ser-se português, por exemplo, fosse a mesma coisa se não houvesse Luis de Camões. Em Moçambique, país que está renascendo, eu creio que os escritores tem um papel importante para fixar as propostas que estão surgindo.

Desse modo, para o autor, a literatura deve empenhar-se na criação de mitos fundadores de uma nação¹, na recriação e disseminação do chamado sentimento nacional. O desafio se montava e se monta: era e é preciso fazer uma Moçambique, o que significava e significa investir também na construção de um discurso autônomo capaz de unificar as vozes dispersas pelos quatro cantos do território e calar a voz uniforme do colonialismo.

Assim, foi no momento de escritura de sua prosa que Clio se aproximara do filho de Beira para não mais, dele, se distanciar. Ou melhor, a sua arte ficcionista manifesta-se antes do fazer história, porque é no pequeno ou grande romance histórico que a sua ideia de liberdade, e de expressão total do eu, facilmente atinge os desideratos pelo seu verve: a leitura global do homem, do seu retrato de corpo e alma, seus sentimentos e emoções para além do político, do social ou do institucional. Ele escreve romance que podemos identificá-lo como histórico tal como A Chuva Pasmada, no qual retorna ao tempo da escravatura o que o obrigou a pesquisar documentos históricos; em O outro pé da sereia evoca momentos cruciais da colonização portuguesa ao mesmo tempo em que retrata o impasse político e social da Moçambique de hoje; em A Varanda do Frangipani, opõe fundamentalmente os tempos, de forma poética e ideológica, os de um “antes” e os de um “depois” que a revolução, a guerra e a independência instituem em marco contingente e não de causalidade.

Couto (2005) parece cada vez mais amarrado ao que considera a sua grande missão, contar a história de Moçambique – “Sou um contador de histórias. Conto histórias por via da poesia”. Mas, o contar história é também o fazer história, é ter um enredo e personagens em ação. É estar atento ao



outro que se apresenta como ouvinte, tocar o seu coração, acorda-lo para o mundo do sentir. Mas, se o literato contador de histórias se utiliza da ficção, nos ensina o historiador francês George Duby (1989, p. 45) que o discurso histórico é também ficcionado:

*Invento, mas preocupo-me em fundamentar
minha invenção nas mais firmes bases, em
edificar a partir de vestígios rigorosamente
criticados, de testemunhos que estejam tão
precisos, tão exatos quanto possível.*

Pelas observações anteriores, entendo que grande parte dos escritos do autor são romances históricos não somente porque tratam de tempos longínquos, mas, sobretudo porque trabalha com maestria a coexistência de múltiplas temporalidades, porque faz cintilar as experiências humanas. Por fim, apreendo nos escritos de Couto que literatura e história se entrelaçam para cantar o esplendor do sol moçambicano, o riso e a ternura do seu povo.

Se Mía Couto baila com a história e a literatura, ele nos possibilita um rico espetáculo emoldurado na sensibilidade, emoção e criatividade presentes na obra chamada – Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. Ao deslindar esse espetáculo, observo que o texto canta o cotidiano de pessoas que vivem em Luar do Chão, uma ilha, ou seja, uma aldeia rural, que separada por um rio da cidade, compõem o pequeno país. Na aldeia viviam pessoas comuns num universo misturado: uns que nunca lutaram pela independência, outros que já se comportavam como os portugueses – os assimilados, alguns outros que também lutaram contra os colonizadores. A trama do romance tem como fio condutor a viagem do jovem Mariano, personagem principal, a sua terra natal – Luar do Chão. Jovem que por viver na cidade por longos anos, já adquirira hábitos de branco, era um estrangeiro em sua casa e entre os de sua etnia. Mas paulatinamente, ele foi reconhecendo a necessidade de zelar pela memória da família e pelas tradições da Ilha como também de desvendar as nebulosas circunstâncias da morte de sua mãe, Mariavilhosa. E nessa trajetória ele percebe que cada habitante como o doutor Mascarenha, o Padre Nunes, a cega Miserinha, sua avó Dulcineusa, seu pai Fulano Malta, dentre muitos outros, tinham muito o que contar. Cabia-lhe resistir à velocidade do tempo, fazendo com que emergissem os espíritos que habitam o rio Madzimi.

A obra floresce a partir da vivência, da identidade do escritor em solo moçambicano, mas nem por isso seu texto literário deixa de evocar, em nós, a intuição de mundos fantásticos. Ele traz para o texto, sua rica experiência de vida em Moçambique bem como a de seus compatriotas. Narra o que viveu e continua vivendo em seu país, a sua inspiração, sem sombras de dúvidas, fora a sua experiência. O narrador é o próprio autor que empresta seu pensamento as vozes dos muitos personagens que dão vida ao livro. Entendo ainda que, através de seus personagens vivifica sua experiência e de muitos outros moçambicanos, ao mesmo tempo em que sai do seu casulo, de si mesmo em busca do outro representado pela sociedade moçambicana pós-colonial. É nessa forte relação do eu do escritor com a sociedade africana que fora construída e que se reconstrói, constantemente, a sua forte identidade moçambicana, bem expressa na epígrafe desse texto. E esse caminhar do escritor em busca do mundo foi mediada pelo sentir, por sua sensibilidade. Neste palmilhar, o literato estabelece relações com o mundo, anuncia a literatura como uma forma de compreendê-lo. Destarte, penso que a literatura se apresenta como uma janela para o mundo, uma forma do escritor perceber o que está fora de si, o universo que o circunda.

Percebo que por traz da escritura do literato perpassa a filosofia, ou seja, na mensagem literária veiculam, também letras filosóficas, uma maneira de reaprendermos a ver o mundo. Ao sair do seu eu em busca do mundo, o autor, se aproxima do filósofo francês, Merleau Ponty o qual ensina que “o mundo é aquilo que nós percebemos (...) O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo”. Com esta compreensão Ponty nos conduz ao mundo da percepção, ao mundo do sentido e do vivido. E se o mundo é o que percebemos, o corpo se configura como a porta de entrada para as sensações, ele nos permite a imersão no mundo dos sentidos para perceber o mundo, os objetos, as pessoas, gestos, afetos, linguagem poética etc. Além disso, tem a delicada tarefa de imprimir sentidos aos acontecimentos. É a sensibilidade que nos conduz ao mundo da imaginação, do desejo, do conhecer, do sonhar e também, do pensar e do narrar. Para o filósofo, nós, seres humanos, somos uma estrutura psicológica, histórica, uma mistura do tempo natural, do tempo afetivo e do tempo histórico. No entanto, o homem é um ser indivisível, cuja natureza é sensível. Desse modo,



contrapõe-se a filosofia racionalista que proclama a cisão entre corpo e alma, matéria e espírito, sensível e inteligível. Realça a importância do sentir, das sensibilidades no ser humano, seu projeto filosófico se aporta no incentivo ao sentido do corpo e do sensível como realidade essencial da vida humana.

Entendo que na obra em tela, o escritor pretende dar conta da captura de um instante, de um momento, captar o seu pensamento no mesmo instante em que escreve. Em outros termos, ele se empenha na ideia de valorização do momento de criação da obra a partir da valorização de sua experiência de vida e do perfume de vidas que, embora já ausentes, se fazem presentes na voz do narrador. Nesse sentido, o instante não se apresenta como um momento fugaz que rapidamente se esvai deixando no escritor e em nós, apenas suas lembranças. Mas como um momento de realização de nossas vidas, o momento em que eu faço, eu penso, eu vivo. O texto é a marca indelével de sua presença no mundo moçambicano. Desse modo, na minha interpretação, o livro de Mia Couto tem a mesma qualidade que Ponty aponta na obra de Cézanne – a capacidade de apreensão de um momento, a hesitação de quem capta o seu pensamento no mesmo instante em que escreve. Nesse sentido, a literatura, a arte em geral, não se apresenta como mimese, mas como uma recriação do momento de sua produção. Acrescenta ainda que ela (arte) não pode ser a tradução de um pensamento já claro, já instituído, pois estes já foram ditos em nós ou pelos outros e ressalta, também, que a concepção não precede a execução (1980, p. 120). Nesse sentido, para o pensador, o momento de criação se realiza durante a experiência, no fazer-se cotidiano. Ele proclama a criação, os possíveis que anteriormente não existiam, como instante central na elaboração do fazer artístico e que ela ocorre simultaneamente aquele fazer-se.

Na escritura do livro penso, que Mia Couto capta, pela via da percepção o mundo moçambicano e o recria, ao mesmo tempo em que reaprende a vê-lo a partir de sua experiência de vida. Nesse sentido, a escrita de um livro além de valorizar o presente e a criação, ela implica na ideia de que o autor está, simultaneamente, aprendendo e reaprendendo naquele instante da escrita (PONTY, 1991, p. 53). No livro em discussão esta apreensão do instante está clara numa narrativa que tem seu início com a morte do Vô Mariano, velho que carregava consigo as tradições da Ilha Luar do Chão e a história da família Mariano; a narrativa termina com o jovem Mariano, como é costume do lugar, “deitado no amolecido chão do rio” (p. 260) reconstruindo suas lembranças; se reaproximando das tradições culturais de sua terra e reafirmando que o tempo é como um rio, não tem começo e nem fim. Desse modo, o narrador deixa clara a sua percepção de que o fim da obra literária não é o fim da história, da capacidade criativa do escritor, mas um ponto de interrupção voluntária.

Mas o que é apreender o mundo, senão senti-lo. Nos ensina Ponty (1999, p. 42) que a capacidade de percepção do homem não é homogênea, cada pessoa apreende o mundo de forma diferente, segundo sua experiência de vida, sua cultura, sua sensibilidade. Desse modo, o sentir, a sensibilidade se configura como uma forma de comunicação vital do homem com o mundo. É esse sentir, essa capacidade de visibilizar o outro, aquele se mantém sem visibilidade no mundo que faz o homem ainda se surpreender a cada instante, se emocionar com as coisas do mundo a despeito das mazelas com as quais convivemos: opressão, miséria derramada pelas ruas, desigualdade social, dentre muitos outros. Em outros termos, é o sentir que vai assegurar a beleza de sermos homens, mulheres por inteiro. Na obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, no começo do livro quando o Jovem Mariano apresenta sua família e nesse momento o próprio escritor, nos brinda com a sua sensibilidade sob a forma de letras. Coloca Mariano: “Meu pai já fora guerrilheiro, revolucionário, oposto à injustiça colonial. Mesmo internado na Ilha, meu velho Fulano Malta transpirava o coração em cada gesto (...) O tio Abstêncio, certo dia se exilou dentro de casa. O mundo já não tem mais beleza e meu pai lhe dizia – Você Abstêncio é uma pessoa muito impessoal. Tem medo da vida ou do viver? E o narrador complementa – A penumbra adentrou-se nele como um bolor e acabou ficando saudosos de um tempo nunca havido, viúvo mesmo sem nunca ter se casado” (p. 16).

Outra passagem que permite o leitor abrir as portas do coração para compartilhar as emoções dos personagens é quando o jovem Mariano lê as cartas do vô Mariano só visíveis para ele que as enxergava com os olhos da alma, secretas janelas do espírito e lhe faz uma recomendação em referência a casa que habitara desde tenra idade – “ao entrar a casa deixe que ela entre em você” (p. 185). Aqui está presente o sentido da casa na cultura moçambicana, ela é uma matrona soberana que se ergue de encontro ao tempo, é o lugar por onde os mortos da família passeiam, visitam seus familiares desvendando-lhes acontecimentos do outrora, segredando-lhes caminhos a seguir e por isso, muito venerada. Recomenda



o escritor, na voz do narrador, ao penetrá-la, permita que as lembranças por ela evocada apoderem – se de seu coração, transformando-as em lágrimas, espantos, sorrisos, abraços dentre muitas outras formas; deixe que a saudade envolva seu coração fazendo renascer o perfume dos que já partiram fazendo ecoar suas histórias, seus “causos”; deixe que seu corpo, janela de entrada da sensibilidade, se tome de sentimentos. Destarte, por meio das distantes lembranças evocadas pela casa, o homem moçambicano se adentra na relação com o outro, ele tangencia o mundo humano. Por esses motivos, é que o narrador, ao chegar a casa do avô Mariano, recém-falecido, reconstruiu em sua memória as palavras que, desde criança eram lhe cantadas, com terna musicalidade, pela voz de seu pai, avós e demais familiares, uma reverência às tradições africanas: “eu teria residências, sim, mas casa seria aquela única, indisputável” (p. 29). Pela voz do vó Mariano falavam muitos outros moçambicanos. E assim a casa, lugar físico e o deus Chronos, tempo se enroscam no espetáculo da narrativa tecida pelo escritor.

Todavia, a casa também era a sua terra – Luar do Chão que o recebera ao nascer, bem como toda a sua família; o vira crescer e despontar para o mundo. Mas que chorava sua ausência, por ter atravessado o rio Mandzini, em busca da cidade, por não ter conseguido, cravar em seu chão, suas impetuosas asas juvenis. Complementa o narrador: “...Essa terra começou a morrer no momento em que começamos a querer ser outros, de outra existência, de outro lugar. Luar do Chão, também começou a morrer quando os governantes deixaram de amá-la” (p. 165). Desse modo, o literato desvela na intriga do romance, o sentimento, a emoção, a identidade moçambicana como móveis de vida humana e, de forma invisível, só perceptível pelos olhos da alma do leitor, ele ensina que o desamor, a fuga de si mesmo, o egoísmo são formas de viver pela metade, formas de viver dos homens que têm medo da vida. Assim, a dança de Mia Couto com a literatura e a história nos mostra que ambas se misturam com os sentimentos para tornar o mundo mais humano, para conferir mais sabor à vida como ensinara o escritor argentino Luis Borges ao final de sua existência.

Nota

¹ Mia Couto reconhece que “os mitos não são definitivos. Eles estão sempre em reconstrução”. Sua percepção de mito fundador aproxima-se do conceito discutido por Marilena Chauí para quem o mito não é uma figura eterna, mas se reconstrói historicamente.

Referências

- CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: pensamentos e provérbios. Lisboa: Instituto Camões, 2000.
- COUTO, Mia. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COUTO, Mia. A Varanda do Frangipani. Lisboa: Caminho, 1996.
- COUTO, Mia. Terra Sonambula. Lisboa: Caminho, 1992.
- COUTO, Mia. O Outro pé da sereia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COUTO, Mia. Contos do nascer da Terra. Lisboa: Caminho, 1997.
- COUTO, Mia. O Último vó do Flamingo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PONTY, Merleau. A Fenomenologia da percepção. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- PONTY, Merleau. A dúvida de Cézane. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- PONTY, Merleau. A linguagem moderna e as vozes do silêncio. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- ENTREVISTA com Mia Couto. Disponível em: <www.lainsignia.org>. Acesso em: 25 maio 2008.
- ENTREVISTA com Mia Couto. Disponível em: <www.mediabooks.pt>. Acesso em: 12 jul. 2008.

* Recebido em: 26.04.2010.

Aprovado em: 15.05.2010.

** Professora na graduação e pós-graduação no Departamento de História da UnB. E-mail: cleria@unb.br

